revec
Revista de Estudos de Cultura
https://seer.ufs.br/index.php/revec
REVISTA DE ESTUDOS DE CULTURA
São Cristóvão (SE) | v. 11 | n. 28 | Jul. Dez./2025 | p. 257-276
Submetido em 26/04/2025 Aceito em: 28/10/2025

EDUCAÇÃO SEXUAL EM NARRATIVAS (AUTO) BIOGRÁFICAS DE DOCENTES DE BIOLOGIA: PROBLEMATIZAÇÕES SOBRE SEXUALIDADE, CORPO E GÊNERO

Elaine de Jesus Souza*
Marlécio Maknamara**

RESUMO

Esse estudo qualitativo objetivou problematizar discursos sobre Educação Sexual, sexualidade, corpo e gênero resultantes de pesquisas acadêmicas sobre narrativas (auto)biográficas de docentes de Ciências/Biologia. Para tanto, o material empírico englobou oito estudos desenvolvidos por professores-pesquisadores/as sobre narrativas (auto)biográficas no ensino de Ciências/Biologia e, adotamos a análise foucaultiana do discurso. As pesquisas (críticas, pós-críticas e híbridas) sobre narrativas (auto)biográficas evidenciaram diferentes modos de subjetivação docente e uma heterogeneidade de discursos (essencialistas, binaristas e normativos) e desconstruções sobre as temáticas sexualidade, corpo e gênero. Assim, enfatizamos que uma Educação Sexual "socialmente relevante" incorporada no currículo de Ciências/Biologia, possibilitaria a desconstrução de normatizações e essencialismos, sobretudo ao questionar o modo como discursos (re)inventam saberes, práticas docentes, narrativas e (in)experiências de vidas.

Palavras-chave: Educação Sexual; Narrativas (auto)biográficas; Biologia.

* Pós-doutorado em Educação/UFBA e Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora adjunta da UFCA. Professora permanente do PPGECIMA da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Líder do Grupo de Pesquisa (Bio)Docências/UFCA/CNPq. Lattes: http://lattes.cnpq.br/5663850739310141 ORCID: https://orcid.org/0000-0003-3931-0025. E-mail: elaine.souza@ufca.edu.br

** Professor Associado e Pesquisador Produtividade em Pesquisa do CNPq/UFPB. Professor dos Programas de Pós-Graduação em Educação da UFPB e da Universidade Federal da Bahia. Pós-doutor (Estágio de Professor Visitante no Exterior) pela La Trobe University/Austrália. Doutor em Educação pela UFMG. Mestre em Educação pela UFPB e Licenciado em Ciências Biológicas pela UFC. Líder dos grupos de pesquisa ENSAIO: vida, pensamento e escrita em educação (UFPB/CNPq) e ESCRE(VI)VER: Grupo de Estudos e Pesquisas com Narrativas em Educação (UFBA/CNPq). Lattes: http://lattes.cnpq.br/2947750321164221ORCID: https://orcid.org/0000-0003-0424-5657. E-mail: maknamaravilhas@gmail.com

SEXUAL EDUCATION IN (AUTO)BIOGRAPHICAL NARRATIVES OF BIOLOGY TEACHERS: PROBLEMATIZATIONS ABOUT SEXUALITY, BODY AND GENDER

Abstract
This qualitative study aimed to problematize discourses on Sex Education, sexuality, body, and gender resulting from academic research on (auto)biographical narratives of Science/Biology teachers. To this end, the empirical material encompassed eight studies developed by teacher-researchers on (auto)biographical narratives in Science/Biology teaching, and we adopted Foucault's discourse analysis. The research (critical, post-critical, and hybrid) on (auto)biographical narratives revealed different modes of teacher subjectivation and a heterogeneity of discourses (essentialist, binary, and normative) and deconstructions on the themes of sexuality, body, and gender. Thus, we emphasize that a "socially relevant" Sex Education incorporated into the Science/Biology curriculum would allow for the deconstruction of normalizations and essentialisms, especially by questioning how discourses (re)invent knowledge, teaching practices, narratives, and (in)experiences of life.
Keywords: Sex Education; (Auto)biographical narratives; Biology.

LA EDUCACIÓN SEXUAL EN NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS DE DOCENTES DE BIOLOGÍA: PROBLEMATIZACIONES SOBRE SEXUALIDAD, CUERPO Y GÉNERO

Resumen
Este estudio cualitativo tuvo como objetivo problematizar los discursos sobre educación sexual, sexualidad, cuerpo y género derivados de la investigación académica sobre narrativas (auto)biográficas de docentes de ciencias y biología. Para ello, el material empírico abarcó ocho estudios desarrollados por docentes investigadores sobre narrativas (auto) biográficas en la enseñanza de ciencias y biología, y se adoptó el análisis del discurso de Foucault. La investigación (crítica, poscrítica e híbrida) sobre narrativas (auto)biográficas reveló diferentes modos de subjetivación docente y una heterogeneidad de discursos (esencialistas, binarios y normativos) y deconstrucciones sobre los temas de sexualidad, cuerpo y género. Así, se enfatiza que una educación sexual «socialmente relevante», incorporada al currículo de ciencias y biología, permitiría la deconstrucción de normalizaciones y esencialismos, especialmente al cuestionar cómo los discursos (re)inventan el conocimiento, las prácticas docentes, narrativas y (in)experiencias de vida.
Palabras clave: Educación sexual; Narrativas (auto)biográficas; Biología.

1 INTRODUÇÃO

Contar (nossas) histórias de vidas significa passear por diferentes mundos, saberes e contextos socioculturais que representam experiências potentes para (re)pensar como nos tornamos sujeitos docentes com múltiplas identidades/diferenças. Nesse percurso formativo, o campo transdisciplinar da Educação Sexual abrange uma heterogeneidade discursiva e as narrativas (auto)biográficas de docentes de Ciências/Biologia possibilitam problematizar discursos sobre sexualidade, corpo e gênero (re)produzidos em experiências de professores/as, excedendo os limites biológicos.

O exercício de problematização de nossos saberes e nossas práticas docentes é imprescindível para construirmos processos formativos pautados na equidade e justiça social, sobretudo com uma abordagem sociocultural e política das temáticas da Educação Sexual. Posto que, precisamos (re)pensar de que modos discursos sobre sexualidade, corpo e gênero são incorporados no ensino de Ciências/Biologia e como reverberam em distintos espaços socioeducativos, (des)construindo preconceitos e discriminações. Dessa forma, as pesquisas (auto)biográficas possibilitam uma análise crítica sobre como nos tornamos educadores/as a partir de narrativas, experiências e aprendizados que (des)construímos ao longo dessa trajetória formativa.

A partir de um olhar foucaultiano, as narrativas (auto)biográficas reúnem enunciados com uma heterogeneidade discursiva ao envolver histórias de vida que se intercruzam com experiências, e estas abrangem três elementos fundamentais: jogos de verdade, relações de poder e formas de relação consigo mesmo e com os outros, constituindo assim modos de subjetivação (Foucault, 2017). Tais modos de subjetivação abrangem dimensões socioculturais e políticas, como sexualidade, corpo e gênero. Nessa ótica, este estudo teve como objetivo: Problematizar discursos sobre as temáticas da Educação Sexual (sexualidade, corpo e gênero), resultantes de pesquisas acadêmicas sobre narrativas (auto)biográficas de docentes de Ciências/Biologia. Para tanto, questionamos: "Que discursos sobre as temáticas da Educação Sexual são (re)produzidos nessas pesquisas sobre narrativas (auto)biográficas de docentes de Ciências/Biologia?"

Para alcançarmos tal objetivo, organizamos esse texto da seguinte forma: ressignificação e articulação entre os conceitos de Educação Sexual, docência e Biologia; os caminhos metodológicos com um quadro descritivo das pesquisas acadêmicas analisadas; a problematização dos principais discursos sobre Educação Sexual (re)produzidos nessas pesquisas (auto)biográficas, as conclusões para sintetizar as narrativas e experiências sobre as temáticas, bem como apontar novos horizontes.

2 EDUCAÇÃO SEXUAL, NARRATIVAS E DOCÊNCIA EM BIOLOGIA

De que modos e em que contextos nossas experiências docentes em Ciências/Biologia refletem nas temáticas da Educação Sexual? Essa pergunta se desdobra da questão norteadora desta pesquisa para evidenciar que somos sujeitos generificados, sexualizados e corporificados, logo as dimensões de sexualidade, corpo e gênero atravessam nossos saberes e nossas práticas docentes. Desse modo, ao articularmos Educação Sexual e docência em Biologia, vale destacar alguns conceitos fundamentais. A

começar por Educação, aqui compreendida, como um conjunto de processos de ensino e aprendizagem, saberes e práticas por meio dos quais indivíduos são (trans)formados em sujeitos de uma cultura (Meyer, 2009) marcada por discursos e relações de poder que tentam delimitar nossas identidades/diferenças. Nesse contexto, essa Educação permeia distintos "lugares pedagógicos" além da escola e da universidade, como a família e demais pedagogias e artefatos culturais (Meyer, 2009; Souza & Maknamara, 2024).

Em consonância com Sandra Corazza (2021), ressignificamos a docência como uma força vital criadora de sonhos e acolhedora das diferenças com seus modos de existências. Ou seja, a autora defende uma docência poética construída por meio de aulas-sonhos, currículos e didáticas plurais. Para tanto, almejamos uma docência e um ensino de Biologia que possibilite (re)criar artefatos e pedagogias culturais, questionando discursos essencialistas e binaristas, ao entrelaçar distintas formas de educar, aprender e ensinar sobre/para/com vidas além do biológico (Souza; Maknamara, 2024).

Nessa direção, assumir uma Educação Sexual "além do biológico" na docência em Ciências/Biologia (Souza; Santos, 2021) significa problematizar um campo transdisciplinar marcado por relações de poder-saber e uma heterogeneidade de discursos (essencialistas, cisheteronormativos, fundamentalistas...) sobre sexualidade, corpo e gênero. Assim, a Educação Sexual abrange narrativas, histórias de vidas, memórias e experiências que nos tornam sujeitos de uma cultura, sobretudo no exercício da docência.

As narrativas (auto)biográficas articulam-se às noções de identidades/diferenças e subjetividades, posto que, ao narrar sobre si, os indivíduos constroem um trabalho com as palavras para se reconhecerem e serem reconhecidos (Santana; Maknamara, 2022). Portanto, narrativas (auto)biográficas evidenciam uma multiplicidade de experiências, demandando uma escrita problematizadora de linguagens e discursos em distintos artefatos culturais além do currículo. Larrosa (2017) ressalta que as experiências humanas são mediadas pela cultura e por um conjunto de formas e redes discursivas que delimitam as coisas, pessoas, ou seja, nos formam enquanto sujeitos assumindo diferentes posições e múltiplas identidades/diferenças, sobretudo nos processos de nos tornarmos docentes para aprender e ensinar sobre/para/com vidas...

2 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Esse estudo constitui o recorte de uma revisão sistemática da literatura mais abrangente realizada por Joaklebio Silva *et al.* (2024), que objetivou mapear as narrativas (auto)biográficas de professores/as do Nordeste[1] a partir dos trabalhos de conclusão de cursos de graduação e/ou pós-graduação. O procedimento investigativo selecionou as 16 Universidades Federais nordestinas que possuem Repositórios Institucionais *online* e para o mapeamento das pesquisas utilizou-se as seguintes palavras-chave como descritores: "narrativa", "pesquisa narrativa", "(auto)biografia" e "pesquisa (auto)biográfica", foram

[1] Cabe informar que a escolha pelo Nordeste se deu em decorrência de outros estudos a nível nacional realizados pelos grupos de pesquisa vinculados que indicaram necessidade de investigar a produção de narrativas (auto)biográficas nessa região (Silva *et al.*, 2024).

encontrados 406 trabalhos de diferentes campos disciplinares que constituíram o *córpus* analítico da pesquisa mais abrangente (Silva *et al*., 2024).

A leitura dos resumos dos trabalhos constituiu a etapa inicial para delimitar como critérios de inclusão e exclusão do material analítico pesquisas sobre narrativas (auto)biográficas relacionadas com as temáticas da Educação Sexual além da formação docente em Ciências/Biologia. Foram encontradas 28 pesquisas sobre narrativas autobiográficas referentes ao campo "Ciências/Biologia", dentre as quais selecionamos 14 relacionadas à Educação Sexual. Contudo, conseguimos a anuência de oito pesquisadores/as por isso o nosso material empírico foi constituído por 8 pesquisas acadêmicas sobre narrativas (auto)biográficas no ensino de Ciências/Biologia em articulação com Educação Sexual, dentre estas analisamos dois resumos expandidos em anais de congresso, quatro dissertações e duas teses.

Vale enfatizar que seguimos os procedimentos éticos e enviamos *e-mails* para os/as (co)autores/as com Termo de Consentimento Livre e Esclarecido/TCLE, solicitando autorização via *Google Forms*. Embora o foco seja Ciências Biológicas, alguns estudos englobam mais de um campo disciplinar, tais como Geografia, Pedagogia e Matemática.

Quadro Descritivo 1 – Narrativas (Auto)biográficas de Docentes na área de Ciências/Biologia

Autores/as	Título do Trabalho	Tipo de Pesquisa	Objetivo da Pesquisa	Instituição de Origem	Ano de Publicação
Fernanda Seabra Félix; Luzia Cristina de Melo Santos Galvão.	Concepções e perspectivas dos licenciandos de Biologia da Universidade Federal de Sergipe face às violências no âmbito escolar.	Resumo Expandido em Anais de Congresso Internacional /Educon	Avaliar o enfoque que o curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Sergipe oferece aos licenciandos em formação face às situações de violência no âmbito escolar.	UFS	2017
Isabela Santos Correia Rosa; Rosiléia Oliveira Almeida.	Experiências didáticas comprometidas com a diversidade de culturas: Relatos de professores/as de Biologia em formação inicial.	Resumo Expandido /Educon	Identificar e caracterizar os relatos de experiências didáticas de professores/as de Biologia em formação inicial, no que se refere a práticas pedagógicas comprometidas com a diversidade cultural, elaboradas e desenvolvidas como atividade de uma disciplina de ensino de Genética que promoveu problematizações de questões culturais.	UFS	2020
Lucas Costa de Santana	(Com)posições docentes em narrativas de formação de um professor de Ciências e Biologia.	Dissertação	Problematizar os modos de subjetivação que me constituem como sujeito docente	FACED/ UFBA	2021
Evanilson Gurgel de Carvalho Filho	Minha vida daria um filme?: Geografias de vida em territórios de corpos, gêneros e sexualidades.	Dissertação	Analisar as imagens de futuros/as professores/as de Ciências quanto à corpos, gêneros e sexualidades através de suas histórias de vida	FACED/ UFRN	2018
Javier Giovanny Sánchez Molano	Vozes e murmúrios sobre ensino de ciências e educação ambiental nas escolas de Bogotá.	Dissertação	Compreender as potencialidades e desafios de uma perspectiva política da Educação Ambiental para um Ensino de Ciências culturalmente sensível em contextos escolares vulneráveis em Bogotá.	Programa de Pós-graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências UFBA e UEFS	2016

Autores/as	Título do Trabalho	Tipo de Pesquisa	Objetivo da Pesquisa	Instituição de Origem	Ano de Publicação
Bárbara Tatiane da Silva Vilela.	Tecendo reflexões sobre a Ambientalização Curricular na formação de professores de Ciências/Biologia.	Dissertação	Compreender como está ocorrendo o fenômeno da ambientalização curricular no curso de Licenciatura Plena em Ciências Biológicas da Universidade Federal Rural de Pernambuco, por meio das perspectivas docentes	Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências, Universidade Federal Rural de Pernambuco /UFRPE	2014
Patrícia Petitinga Silva	Estudei a vida e a vida ofereceu-me o ensino: trajetórias identitárias de uma professora-pesquisadora que ensina ciências.	Tese	Compreender como as trajetórias vividas forjam situações para a (des)construção de múltiplas identidades como professora-pesquisadora que ensina Ciências	Programa de Pós-graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências UFBA e UEFS	2017
Pedro Paulo Souza Rios	Estranho que habita em mim: narrativas de vida e formação de professores gays no semiárido baiano.	Tese	Analisar por meio das narrativas autobiográficas o discurso de professores *gays* do Seminário Baiano sobre a produção de si enquanto corpo estranho e as estratégias de desconstruir/fazer/negociar gênero e sexualidade ao longo da trajetória escolar/acadêmica.	PPGED/ UFS	2019

Fonte: Autoria própria

Para análise das narrativas (auto)biográficas, a partir de teorizações foucaultianas, realizamos um exercício de problematização que pressupõe a elaboração de uma questão, visando transformar um conjunto de dificuldades em problemas para os quais buscaremos respostas e soluções, por meio de um trabalho de pensamento, que constitui o ponto de problematização (Foucault, 2017). Maknamara (2021, p.183) nos lembra que "[...] fazer problematização é engendrar certa atitude de pesquisa. Que atitude seria essa? Uma atitude crítica diante das coisas do mundo, uma atitude crítica que reverbera nas delimitações de nossos objetos e trajetos de pesquisa e (de)formação". Foucault (2010, p.356) adverte que tal crítica "não consiste em dizer que as coisas não estão bem como estão. Ela consiste em ver sobre que tipos de evidências, de familiaridades, de modos de pensamento adquiridos e não refletidos repousam as práticas que aceitamos". Assim, esse movimento de (auto)crítica acerca da Educação Sexual visa problematizar discursos essencialistas e oposições binárias, ao questionar práticas (não) discursivas implicadas na produção de verdades, saberes e práticas a partir de narrativas que ecoam vozes docentes.

3 PROBLEMATIZANDO NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS: VOZES E ECOS ALÉM DA EDUCAÇÃO SEXUAL

A Educação Sexual engloba uma heterogeneidade discursiva que (re)produz múltiplas vozes, identidades/diferenças e práticas refletidas como ecos nos currículos escolares e acadêmicos, principalmente na docência em Ciências/Biologia. A partir da problematização de narrativas sobre Educação Sexual, questionamos abordagens essencialistas e higienistas que delimitam a "missão" de educar/orientar sexualmente a nós biólogos/as, pois operamos com vozes docentes como autoridades sobre si mesmos/as, buscando analisar criticamente os efeitos de verdade e discursos que orientam nossas condutas e práticas, ou seja, nossos processos de subjetivação docente.

Nesse caminho, os estudos em análise sobre narrativas (auto)biográficas abrangem distintas perspectivas teórico-metodológicas, a saber: *críticas* (Félix & Galvão, 2017; Vilela, 2014); *pós-críticas* (Carvalho Filho, 2018; Rios, 2019; Santana, 2021) e *híbridas*[2] (Rosa & Almeida, 2020; Sánchez Molano, 2016; Silva, 2017), evidenciando convergências e divergências nos modos de enxergar a docência e o ensino de Ciências/Biologia. Convergem ao reconhecerem a importância das narrativas (auto) biográficas como potentes para (re)pensar ensino, educação e currículo a partir de estratégias didático-metodológicas subjetivas, culturais, pluralistas, questionadoras e democráticas, encorajando a (des)construção de saberes e práticas docentes tradicionalistas e excludentes, sobretudo no campo da Educação Sexual.

Cabe salientar que uma *Educação Sexual "além do biológico"* constitui um campo transdisciplinar que abrange uma multiplicidade de discursos sobre sexualidade, corpo e gênero, (re)produzidos histórica e socioculturalmente, constituindo o cerne para questões relacionadas às identidades/diferenças, tais como preconceitos, discriminações, violências e relações de poder, a partir de saberes e práticas em distintos cenários educativos e pedagógicos, sobretudo nos currículos escolares e acadêmicos (Souza & Santos, 2021; Souza & Maknamara, 2024). Nessa abordagem, as pesquisas analisadas evidenciam temáticas relacionadas à Educação Sexual e ensino de Ciências/Biologia, tais como sexualidade, corpo, gênero e violências entrelaçadas a questões socioambientais.

O estudo de Fernanda Félix e Luzia Galvão (2017) sobre violências no contexto escolar evidenciou uma carência de (in)formações, decorrentes de uma formação docente que não costuma abordar essa temática considerando sua abrangência e especificidades, posto que no currículo acadêmico ainda predomina um viés tecnicista e conteudista. Por outro lado, os/as participantes da pesquisa, licenciandos/as do curso de Biologia da UFS, destacaram que somente a disciplina *Corpo, Gênero e Sexualidade* (incluída matriz curricular em 2014) aborda questões ligadas à violência sexual, de gênero, étnico-racial, *bullying*, homofobia, a partir de um contexto inter/multicultural e dos direitos humanos. O que evidencia a necessidade de disciplinas e práticas pedagógicas para o enfrentamento de violências, por meio da problematização de relações de poder e hierarquias de gênero, preconceitos e discriminações nos espaços socioeducativos. A partir dos principais resultados, as autoras concluem que os/as futuros/as: "[...] docentes apresentam superficialidade em suas concepções, ou seja, o que sabem sobre vio-

[2] Pesquisas que se baseiam em pressupostos e referenciais críticos e pós-críticos.

lência escolar é amadora, baseada em eventos pontuais que são expostos de um modo sensacionalista através dos meios de comunicação" (Félix & Galvão, 2017, p.08)

As diferentes concepções e significados atribuídos à violência sinalizam uma banalização em decorrência de sermos bombardeados/as diariamente com notícias sobre atrocidades em distintos espaços sociais, inclusive nas escolas, então, por vezes, parecemos anestesiados/as diante de tempos e cenários tão violentos. Dagmar Meyer (2009, p.216) nos faz pensar primeiro sobre: "[...] a contingência e a historicidade daquilo que se define como violência; em segundo lugar, a multiplicidade de outros sentidos que também se agregam ou derivam do termo e dos atos que ele nomeia". Diferentes formas de violências, como assédios sexuais, violências de gênero, práticas homofóbicas advém de relações de poder que permeiam o campo da Educação Sexual. Entretanto, o poder é relacional e produtivo, ou seja, "uma ação sobre outras ações" disseminado historicamente por meio de distintos discursos para regular relações socioculturais, o que pressupõe a constituição das relações de poder (Foucault, 2015). Portanto, diferente de uma relação de poder, uma relação de violência age forçosamente sobre um corpo e/ou coisas, visando destruir e aniquilar todas as possibilidades de resistência (Foucault, 1995).

Ao entendermos como é construída uma relação de violência, vislumbramos a relevância de um exercício de problematização em nossas práticas educativas, para desconstrução de naturalizadas relações de poder que atravessam sexualidade, corpo e gênero, ocasionando diversas formas de violências. A problematização e a inter/multiculturalidade incorporadas em práticas pedagógicas, currículos escolares e acadêmicos, abririam um leque de possibilidades para reconhecimento das diferenças, reflexão e intervenção de educadores/as, contribuindo para a redução de diversos tipos de violência (Meyer, 2009), como preconceitos e discriminações contra todos os sujeitos destoantes do padrão cisheteronormativo.

A pesquisa de Isabela Rosa e Rosiléia Almeida (2019) evidencia a necessidade de estratégias didáticas multiculturais na formação docente em Ciências/Biologia, visando desconstruir preconceitos e discriminações alicerçados em conhecimentos científicos, a exemplo da Genética. As narrativas (auto) biográficas das docentes e dos/as licenciandos/as da disciplina "Tópicos Especiais no Ensino de Ciências e Biologia: Discussões sobre racismo e eurocentrismo no contexto do ensino de Genética" ministrada em um IES ressaltaram o quanto atividades lúdicas como a produção de *fanzines* e vídeos sobre temáticas socioculturais favorecem a interação entre a turma e, sobretudo possibilitam questionar preconceitos que alicerçam desigualdades étnico-raciais e de gênero. Cabe problematizarmos o essencialismo e determinismo biológico predominante em campos de saber como Genética, Fisiologia e Anatomia Humana que utilizam conceitos de genes, DNA, cromossomos (sexuais), órgãos, sistemas, corpo humano, como se fossem determinantes das dimensões de gênero e sexualidade. Nesse sentido, discursos deterministas e biologicistas alicerçam conhecimentos da genética e, reproduzem preconceitos acerca de pessoas que não se enquadram no padrão cisheteronormativo, no entanto, genes e cromossomos não definem identidades sexuais e de gênero.

Determinismos e essencialismos que marcam o campo da Biologia costumam ser reproduzidos em nossas práticas docentes e, consequentemente, no processo de ensino e aprendizagem. "Determinismo Biológico é quando a Biologia é usada como o critério da normalidade; quando a Biologia é usada

como o único aspecto que justifica o comportamento definido como natural" (Furlani, 2021, p.93). Para Silva (2010), o essencialismo (biológico, histórico e/ou cultural) consiste em uma ideia de essência que "congela o significado" de identidade e (de)limita jogos de significação a uma imobilidade transcendental, assim discursos essencialistas são disseminados em uma incessante tentativa de naturalizar o mundo.

Em oposição a tais discursos essencialistas e deterministas, as autoras salientam que discutir questões socioculturais nas aulas de Genética "[...] não só contribui para valorizar e problematizar as diferentes formas de explicar o mesmo fenômeno natural, como também para desconstruir os padrões hegemônicos socioculturais, promovendo uma educação para transformações positivas na sociedade" (Rosa & Almeida, 2020, p.12). Problematizamos o positivismo cartesiano com prescrições e verdades universais, pois as demandas educacionais contemporâneas urgem por um currículo intercultural construído a partir de uma polifonia de vozes, narrativas, relações, espaços, conhecimentos, representatividades, identidades e diferenças culturais (Reis, 2017).

Nessa perspectiva, Sánchez Molano (2016) em dissertação, sobre "Ensino de Ciências e Educação Ambiental nas escolas de Bogotá", adota uma narrativa autobiográfica e ficcional, pois além de contar sua história de professor-pesquisador das Ciências Naturais também cria um personagem (*Lloviznas*) que o acompanha ao longo de sua escrita problematizadora. O autor/narrador compreende a Educação Ambiental como uma filosofia de vida marcada por diferentes culturas, relações de poder e distintos discursos (científicos, biológicos, religiosos, pedagógicos, artísticos...). Questiona o totalitarismo que ameaça discursos das Ciências/Biologia, levando a maioria dos/as alunos/as e nós educadores/as a incorporarmos "[...] uma herança simbólica com uma ecologia conceitual que expressa e reproduz em parte os interesses dos poderes hegemônicos" (Sánchez Molano, 2016, p.103), dificultando nos reconhecermos como marxistas, feministas, ecologistas e/ou pós-modernos/as.

Ademais, o pesquisador indaga: *O que* nós educadores/as podemos *fazer em sala de aula, quando além da tensão entre racionalidade científica e discurso religioso, são apresentadas outras tensões sobre gênero, sexualidade e raça?* (Sánchez Molano, 2016). Discursos científicos e religiosos permeiam o campo da Educação Sexual, pressionando para nos adequarmos às normas sexuais e de gênero. Nessa lógica, tanto a família quanto a escola se somam a instituições religiosas, como instâncias pedagógicas que instituem sujeitos e subjetividades, assim como outros espaços e artefatos culturais acionam modos de subjetivação (Carvalho Filho; Maknamara, 2022) que podem ser (des)construídos em favor das múltiplas identidades/diferenças.

Sánchez Molano (2016, p.28) destaca que "[...] oposições binárias da modernidade começaram a ser interrogadas por uma ética da alteridade, onde o outro é pensado como um sujeito em um relacionamento que envolve uma transformação mútua". Desse modo, o exercício de problematização e desconstrução de binarismos, como meio ambiente/sociedade, natureza/cultura, mente/corpo, ciência/religião, masculino/feminino, v**ê**m acontecendo em distintos campos de saber: ciências, filosofia, artes, mobilizações sociais, sobretudo por meio de artefatos culturais e novas configurações familiares que questionam tais dicotomias responsáveis por um protótipo de família tradicional e violências domésticas.

Ao defender a importância de saberes ancestrais, conhecimentos históricos, afetividades e sensibilidades artísticas no ensino de Ciências/Biologia, o autor questiona currículos conteudistas e politizar "novas sensibilidades nos espaços escolares", a saber: "Como a escola poderia fazer conexões com esses discursos ou se apropriar de tais mecanismos e relações de poder-saber para desenvolver um Ensino de Ciências/Biologia culturalmente sensível?" Para tanto, Sánchez Molano (2016) destaca a necessidade de mudanças comportamentais e sentimentais compatíveis com uma *regulação harmoniosa e consciente de nossas relações ecosociais",* a partir desse enunciado, problematizamos a ideia de "consciência" relacionada a discursos fundacionalistas que substituem o determinismo biológico ao se ancorarem em uma dimensão psicológica, desconsiderando as múltiplas dimensões que nos constituem como sujeitos.

Em contraposição aos discursos educacionais conteudistas e tecnicistas, Sánchez Molano (2016) defende uma Educação Ambiental e um currículo multicultural e afetivo, uma educação sensível e formação docente pautadas em culturas, subjetividades e experiências de vida. Justamente, a Educação Sexual favorece a articulação entre interculturalidade e transdisciplinaridade, por meio da pluralização de saberes e práticas docentes indo além de conteúdos disciplinares, estimulando a problematização de discursos fundacionalistas e universalistas para a desconstrução de preconceitos e discriminações.

Nesse rumo, *Lloviznas*/Sánchez Molano (2016) argumenta sobre a relevância de construir "comunidades escolares multiculturais", nas quais as professoras participantes de sua pesquisa evidenciaram uma representação "orgânica ou vitalista" do ambiente, em analogia a Hipótese de Gaia e às comunidades indígenas e ancestrais. Pois, estas consideram além das dimensões materiais, econômicas e políticas de relações socioambientais, também dimensões morais, afetivas e espirituais, reiterando a ideia de integração e interdependência baseada na ecologia profunda, o que pressupões conexões interdisciplinares, nas quais o conhecimento científico dialogam com outras áreas, como artes, saberes ancentrais, culturas religiosas. Entretanto, ao argumentar sobre essa proposta de "escola como laboratório de tradução cultural", considerando a diversidade de sujeitos e contextos marginais em Bogotá (capital da Colômbia), questionamos o significado tecnicista e racionalista desse enunciado, posto que a representação de "laboratório", costuma ser marcada por uma lista de objetivos, conteúdos e métodos a serem seguidos na formação docente, no ensino e currículo de Ciências/Biologia.

A dissertação de Tatiane Vilela (2014) ao abordar sobre a ambientalização curricular na formação de docentes de Ciências/Biologia, nos incita comparar o campo transdisciplinar da Educação Sexual com a Educação Ambiental, posto que ambas constituem saberes contestados, inclusive com relação ao termo questionado para ser ressignificado ou substituí-lo (Educação para sexualidade, Educação para a sustentabilidade). O campo da Educação Ambiental aproxima-se da Educação Sexual, sobretudo com relação às discussões sobre disciplinarização, interdisciplinaridade e/ou transdisciplinaridade, mas também devido aos empecilhos para inclusão curricular das suas temáticas socioculturais. Em sua pesquisa a autora evidenciou lacunas e carências (in)formativas, sobretudo na formação inicial, o que dificulta a incorporação das questões ambientais nas disciplinas a partir de uma abordagem sistemática e contínua. Desse modo, compreende-se que a questão ambiental (assim como as questões da Educação Sexual) abrange múltiplos significados imprescindíveis para a construção da cidadania, conquista de direitos sociais e equidade.

A autora destaca ainda que a disciplinarização da educação ambiental representa um impasse relacionado ao contexto da ambientalização curricular. E acrescenta: "[...] somos favoráveis a disciplinarização da EA nos cursos de formação de professores, uma vez que a transversalidade, própria dos pressupostos da EA, acaba relegando-a, deixando-a em segundo plano, frente aos demais conteúdos das Ciências Biológicas" (Vilela, 2014, p.130). Nessa lógica, em artefatos acadêmicos como teses, dissertações, artigos costuma-se argumentar que docentes de Biologia e Geografia seriam considerados educadores/as ambientais "natos", como se essa relação fosse intrínseca e natural. Logo, "[...] Por mais que se insista que a educação ambiental não é propriedade de nenhuma disciplina, com bastante facilidade ainda circula a ideia de que Biologia e Geografia seriam seus "habitats naturais" (Maknamara, 2021, p.180).

Para (re)pensarmos a questão da transversalidade e (trans)disciplinaridade da Educação Ambiental e, acrescentamos, Educação Sexual, Alice Lopes (2008, p.206) problematiza o porquê não chegamos ao fim das disciplinas a partir do questionamento: "Mas com o conhecimento rizomático, as redes de conhecimento, a transdisciplinaridade, por que ainda somos tão disciplinares?" A autora argumenta que mantemos a disciplinarização porque o foco não reside no sentido epistemológico de disciplina, como um conjunto de conhecimentos, métodos e dispositivos que (re)produzem saberes, mas ao compreendermos "as disciplinas como construções sociais que atendem a determinadas finalidades. Reúnem sujeitos em determinados territórios, sustentam e são sustentadas por relações de poder que produzem saberes" (Lopes, 2008, p.207).

Por outro lado, Enrique Leff (2009) defende que a (re)construção de um saber ambiental consiste em uma desconstrução de conhecimentos disciplinares, ressaltando a transversalidade e pluralidade de saberes, identidades e significados culturais nesse campo. O autor alerta que esse debate sobre a disciplinarização da Educação Ambiental está alicerçado no pensamento da modernidade compatível com globalização e homogeneização de saberes, sujeitos e identidades marcados por relações de poder. Para Leff (2009, p.18): "O saber ambiental não é o conhecimento da biologia e da ecologia; não trata apenas do saber a respeito do ambiente". Concordamos com Leff sobre a importância de ir além da Biologia, visando incorporar, de forma contínua, sistemática e transversal, as temáticas da Educação Ambiental e, acrescentamos da Educação Sexual, posto que, compreendemos tais campos como (trans)disciplinares, ou seja, tais saberes atravessam, mas não se restringem, às disciplinas. Além dessas questões relacionadas à Educação Ambiental, as narrativas (auto)biográficas colocam em cena como (des)construímos nossas identidades docentes a partir de modos de subjetivação que perpassam pelas dimensões de sexualidade, corpo e gênero.

Patrícia Silva (2017) escreve sua tese em analogia ao livro "Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho (Lewis Carroll, 2013) destacando as transformações provocadas em sua trajetória de vida a partir da leitura, da imaginação e do tempo e, o quanto suas múltiplas identidades/diferenças (mulher, mãe, filha, pesquisadora-professora de ciências...) reverberam no processo de escrita de si que pressupõe uma narrativa autobiográfica. "Assim, minhas trajetórias podem ser caracterizadas por um movimento constante de imaginação identitária" (Silva, 2017, p.20). A pesquisadora enfatiza que ao longo de seu processo formativo precisou enfrentar a racionalidade técnica, para tanto utilizou a literatura e a ficção como formas de aprender novos paradigmas (como conhecimentos sobre constru-

tivismo), que possibilitaram enxergar as Ciências/Biologia não como verdades universais, mas como uma construção sociocultural marcada por erros e acertos, descontruindo uma noção de "ciência dura" enraizada no universo acadêmico e ainda mais acentuada no bacharelado.

Problematizamos discursos binaristas e universalistas que se fazem presentes na escrita, ainda que de modo sutil, pois a autora adota uma perspectiva baseada no pós-modernismo de Crotty (1998). Ao destacar que "*queria estudar a vida*", cabe questionar uma representação singular e universal ao utilizar a palavra vida, posto que, a Biologia deveria estudar a diversidade de vidas, inclusive humanas em suas distintas dimensões subjetivas e socioculturais. Ao enunciar: "[...] em minhas trajetórias, foi (des)construída, conjuntamente, a identidade de professora, e dividi-me entre ser pesquisadora da área de Ciências Biológicas e ser professora que ensina Ciências" (Silva, 2017, p.25), problematizamos a oposição binária presente na ideia de dividir-se" entre pesquisadora/docente, posto que um polo contém o outro.

Ademais, pesquisadora ainda utiliza a ideia de "ser professor/a" a partir de um entendimento essencialista mesmo sem se dar conta do quanto o "ser" pressupõe uma vocação, naturalização, o que se mostra contraditório ao reconhecimento da docência como algo mutável e constantemente reinventado: "[...] ser professora/professor é mesmo uma das profissões mais complexas que se inventou, uma vez que o processo de formar-se professora/professor não é linear, variando de pessoa para pessoa." (Silva, 2017, p.84). Larrosa (2011, p. 42) apoiado no pensamento foucaultiano ressalta o entendimento de nossas identidades/diferenças (mulher, homem, docente...) e dimensões da vida que englobam sexualidade e gênero como experiências, nessa perspectiva "[...] Foucault aponta diretamente contra qualquer realismo ou essencialismo do eu, da pessoa humana ou do sujeito."

Corazza (2012; 2021) reitera que a individualidade docente não tem a ver com essência, considerando-a uma limitação, pois o/a "docente da diferença" é construído por múltiplas identidades/diferenças, vozes, instâncias, saberes, práticas, subjetividades e objetividades em um incessante devir que ultrapassa a individuação. Ao reconhecer a docência como poética criadora de sonhos e vidas, a autora argumenta que o processo de tornar-se docente abrange sinuosidades, (des)aprendizados e (des)construções nos currículos, nas aulas e estratégias didático-metodológicas.

Ao narrarmos o processo de nos tornarmos docentes de Biologia, vislumbramos uma multiplicidade de memórias, experiências e posições de sujeito que impactam a forma como ensinamos, aprendemos e reagimos diante das demandas de nossos/as alunos/as. Dentre as demandas educacionais contemporâneas, as temáticas da Educação Sexual se fazem cada dia mais urgentes nos currículos escolares e acadêmicos. Sobre seu "processo de (des)construção identitária", Silva (2017, p.84) relata que, ao lecionar em uma escola pública de Ensino Médio, solicitou aos/as estudantes que se reunissem em grupos para apresentarem seminários sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis/IST e "fizeram trabalhos maravilhosos, mesmo não tendo dado maiores explicações sobre como tratar esse conteúdo ou como planejar um seminário". Problematizamos essa abordagem biológico-higienista da Educação Sexual recorrente em discursos pedagógicos, pois se restringe à dimensão biológica presente nas aulas de Ciências/Biologia, usualmente, relacionada a uma carência formativa. Embora seja necessário abordar sobre prevenção e saúde sexual, sua maior crítica reside no fato de ser limitada, implicando em um currículo biologicista, ao desconsiderar as dimensões socioculturais e políticas de sexualidade, corpo e de gênero (Furlani, 2011).

Ao mencionar suas múltiplas identidades: "professora, pesquisadora, mulher, mãe, filha, esposa e tantas outras identidades (re)negociadas em muitos contextos. [...], em relações nem sempre harmoniosas, pelo contrário, permeadas por tensões e conflitos" (Silva, 2017, p.107), a autora relata seu incômodo com representações estereotipadas de masculino e feminino, pois reproduzem desigualdades nas relações sociais. A saber: "[...] precisei negociar significados com outras/os que externalizavam representações da inferioridade feminina, como se houvesse uma divisão natural das tarefas segundo os sexos, impedindo minha participação em práticas consideradas próprias ao sexo masculino" (Silva, 2017, p.107).

> Em uma dessas ocasiões, ao ser aprovada no vestibular para o curso de Ciências Biológicas, procurei engajar-me na prática de um laboratório de pesquisa e, quando consegui participar de uma seleção, uma das professoras responsáveis pelo laboratório disse-me, categoricamente, que precisava de um homem que tivesse força para carregar baldes. Portanto, não pude participar nessa prática, apesar disso, ao negociar significados com aquela professora, (des)construí uma identidade: ser mulher (Silva, 2017, p. 107).

Vale problematizar o binarismo "sexo masculino/feminino" articulado às questões de gênero sinalizadas nas narrativas (auto)biográficas dessa professora-pesquisadora de Ciências/Biologia, principalmente, ao reivindicar equidade nas relações sociais entre homens e mulheres, quando Silva (2017) questiona o estereótipo de força masculina, como se uma mulher não conseguisse carregar baldes no laboratório e adverte: "(des)construí uma identidade: ser mulher". De modo contraditório, esse enunciado evidencia a necessidade de (des)construção de discursos essencialistas nas identidades femininas e masculinas, porém a ideia de "ser mulher" remete ao determinismo biológico que alicerça oposições binárias como masculino/feminino, força/fragilidade, razão/emoção. Furlani (2021) enfatiza que o determinismo biológico possui um caráter compulsório, ou seja, a Biologia é vista como o destino, a única possibilidade e, por isso, as diferenças biológicas são utilizadas, histórica e socioculturalmente, para justificar assimetrias e posições hierárquicas, estereotipando comportamentos e atributos considerados "normais" para homens e mulheres. Em contrapartida, estudos das relações de gênero problematizam esse determinismo biológico que dificulta reconhecer o quanto nossas identidades/diferenças são construídas na e pela cultura.

A partir de um olhar pós-crítico nas narrativas (auto)biográficas de Carvalho Filho (2018), Santana (2021) e Rios (2019), questionamos a legitimação de determinados saberes (Foucault chamava de "saberes subjugados e/ou saberes da gente") e a invisibilização de outros considerados "inferiores", principalmente no processo de (des)construção de nossas práticas e identidades docentes. Nesse movimento, duvidamos do instituído padrão cisheteronormativo, estranhamos "o familiar" e nos familiarizamos com "o estranho" para problematizarmos discursos essencialistas e deterministas sobre sexualidade, corpo e gênero que atravessam a Educação Sexual, o currículo e ensino de Ciências/Biologia.

As narrativas (auto)biográficas de Evanilson Carvalho Filho (2018) contaram com a participação de sete "*Grandes Damas*", ou seja, cinco professoras e dois professores de Ciências em formação inicial, bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Em um tom subversivo, o narrador-pesquisador escolheu priorizar a linguagem feminina em contraponto ao convencional que utiliza o masculino em detrimento do feminino. Ao partir da questão central de sua pesquisa

"afinal, minha vida daria um filme?" (Carvalho Filho, 2018, p.96), destaca o principal questionamento que moveu seu estudo: "[...] se você pudesse escolher um momento de sua vida para falar sobre a trinca corpos-gêneros-sexualidades, que talvez não seja vistoso ou que você não pensaria nele de primeira, qual seria?"

Ao contar as histórias das "*Grandes Damas*" nas suas vivências escolares e/ou acadêmicas, Carvalho Filho (2018) evidencia risos e "descobertas" que as aulas de Educação Sexual na disciplina de Ciências/Biologia provocam ao serem abordadas as temáticas sexualidade, corpo e gênero. Bem como, questiona o quanto discursos, pautados em normatizações e essencialismos, (re)produzidos nas práticas pedagógicas de tais docentes, tentam invisibilizar e/ou zombar de "corpos dissidentes". Ao estranhar a indagação de uma das participantes: "*quando você fala "corpos", o que você quer dizer?"* Posto que, prioriza-se o corpo humano fragmentado em uma Educação Sexual biológico-higienista, em contrapartida, o narrador-pesquisador utiliza a ideia de "*Despalavrear*" como uma forma de denunciar que: "[...] a diferença entre corpos, gêneros e sexualidades não têm encontrado lugar nos currículos das licenciaturas; que As Grandes Damas não encontram em sua formação inicial o insumo suficiente para lidar com a trinca em sala-de-aula" (Carvalho Filho, 2018, p.154).

Em seguida, a grande dama questiona: "[...] como seria possível diferenciar "corpos" e "sexualidade"?" O narrador-pesquisador, reitera que essa *"despalavra"* acaba reforçando*:* "[...] o ideário incutido nas pedagogias exercidas pela já mencionada "educação sexual": um corpo cujas arestas das sexualidades estão fortemente imbricadas em sua morfologia no intuito de fabricar esse aparato iminentemente biológico" (Carvalho Filho, 2018, p.156). Cabe problematizar essa dimensão biológico-higienista da Educação Sexual, bem como, diferenciar essa trinca corpos-gêneros-sexualidades que constitui esse campo transdisciplinar. Embora nossos corpos sejam sexualizados e generificados são dimensões que possuem convergências e divergências. Corpo, gênero e sexualidade são produzidos histórica e socioculturalmente, logo não se resumem as composições morfológicas, fisiológicas e anatômicas. Contudo, para compreendermos que nossos corpos não se restringem a um conjunto de órgãos e sistemas, precisamos reconhecer suas especificidades que não são inerentes à sexualidade e ao gênero. De modo resumido, sexualidades abrangem nossas experiências e relações com outras pessoas; gêneros constituem múltiplas formas de expressar masculinidades e feminilidades. Para Goellner (2013) corpos são subjetivos e partilhados, marcados tanto pela singularidade quanto coletividade, pois abrangem semelhanças e diferenças de outros corpos produzidos conforme o tempo, o contexto social e a cultura vigentes.

O pesquisador destaca que a "educação sexual, lugar no qual as discussões que ensejam qualquer um dos elementos que compõem a trinca corpos-gêneros-sexualidades foram historicamente relegadas, não é exatamente uma disciplina obrigatória." Ressaltando seu caráter transversal nos conteúdos "[...] das disciplinas que compõem a grade curricular" (Carvalho Filho, 2018, p.61). Problematizamos o uso da expressão "grade curricular", pois remete a algo enclausurado, incompatível com o entendimento de currículo como artefato cultural que abrange uma diversidade de saberes, práticas e identidades/diferenças que transversalizam campos disciplinares.

Sobre a abordagem curricular das temáticas da Educação Sexual, Gurgel e Maknamara (2020, p.374) acrescentam que "[...] no que diz respeito à trinca corpos-gêneros-sexualidades, é provável que existam

muito mais não-ditos do que ditos nos currículos de formação de professores/as". Ademais, questionam: "[...] como essa trinca pode não apenas formar professores/as, mas também deformar?" (Gurgel; Maknamara, 2020, p.389). Paraíso (2015) argumenta sobre um currículo "vetor-de-forças" que ensina a partir das experiências dos/as outros/a, ao abrir possibilidades de se tornar território para "deformar" um currículo engessado, a partir de uma força mobilizadora de diferenças, aprendizados e devires docentes.

A dissertação de Lucas Santana (2021) nos provoca a (re)pensar o quanto uma narrativa (auto)biográfica (re)produz modos de subjetivação docente, ou seja, vidas com múltiplas identidades/diferenças marcadas por artefatos culturais que ensinam sobre corpos, gêneros e sexualidades. Tais discursos vão além do biológico e abrigam as temáticas da Educação Sexual, pois ao falar sobre a história de sua vida no incessante processo formativo de tornar-se docente de Ciências/Biologia, o autor-narrador vivenciou sonhos, prazeres, desejos, (re)construiu identidades/diferenças, experenciou sexualidades, expressou uma masculinidade plural e um corpo de sujeito *gay* periférico, professor-pesquisador que ensina sem prescrições sobre/com/e para as vidas... "É a vida que eu amo, não a sua falsificação em categorias. E, como professor, o que amo são as histórias, e gostaria de poder aprender amar a contá-las: as histórias de vida e as histórias da Vida" (Santana, 2021, p.84). Afinal, o que faz um/a biológo/a se não estudar, narrar e experenciar as vidas em suas distintas nuances?

Ao narrar suas histórias de vida, Santana (2021) problematiza como seu corpo de gay e favelado, que se tornou um professor-pesquisador, passou por tentativas de disciplinarização de "corpos dóceis" (Foucault, 2014). Conta que estudou em um colégio militar, sendo policiado por normas e imposições, camuflando seus desejos e, frequentou a igreja desde a infância, como fuga de um corpo precário quase capturado pelos dogmas e castidade religiosa (cogitou até se tornar padre). "Os discursos religiosos moldaram-lhe em uma moralidade diversa àquela dos bares. Vivia, desde cedo, entre o sagrado e o profano" (Santana, 2021, p.94). Tal narrativa nos remete à obra "Pedagogia Profana" que problematiza formas tradicionais e conservadoras de ensinar, aprender e educar, reconhecendo a necessidade de desconstruir discursos pedagógicos pautados em mitos e/ou dogmas religiosos, visando recriar saberes e práticas docentes.

Em suas experiências como professor de Ciências/Biologia, analisa suas múltiplas identidades/diferenças sexuais e de gênero, que constituem seu corpo gay e favelado desde a infância. A saber: "O meu corpo infantil, como corpo, ao mesmo tempo, disciplinado e como o corpo de uma criança viada foi atravessado por discursos generificados, sofrendo efeitos de generificação através do discurso" (Santana, 2021, p.53). Essa disciplinarização sobre corpos generificados e sexualizados constitui uma "[...] tecnologia política do corpo. Essa tecnologia é difusa, [...], raramente formulada em discursos contínuos e sistemáticos; compõe-se muitas vezes de peças ou de pedaços; utiliza um material e processos sem relação entre si." (Foucault, 2014, p. 30). Silva Junior e Maknamara (2023) problematizam a corporificação de um conjunto simbólico que (re)produz masculinidades e feminilidades e, nos constituem como sujeitos de determinado gênero/sexualidade, tais atos performativos marcam presença em escolas, filmes, igrejas, brincadeiras infantis, novelas, teorizações científicas.

Para além dos artefatos, essa história de vida é sobre um corpo jovem que sofreu as marcas subjetivas, culturais e socioeconômicas do abandono paterno e presenciou os limites de uma mãe solo sem uma

rede de apoio. Assim, o pesquisador conclui com a seguinte questão: "*quais os modos de subjetivação vêm me constituindo como sujeito docente?*" (Santana, 2021, p.118). Tal narrativa (auto)biográfica atua como produto e produtora de modos de subjetivação docente: disciplinar, socioculturais, técnico-reprodutivista e estética, nos provocando a pensar além do ensino de Ciências/Biologia. Na Educação Sexual, são acionados dispositivos de sexualidade e de gênero, que veiculam uma heterogeneidade discursiva para produzir modos de subjetivação alicerçados em relações de poder-saber (Souza; Santos, 2021). Larrosa (2011) ressignifica modos de subjetivação como experiências de si marcadas por discursos e relações de poder, entretanto, os modos de 'ver-se', 'expressar-se' e 'julgar-se' admitem resistências e/ou estratégias para problematizar normatizações e reconhecer a pluralidade de vidas.

As narrativas (auto)biográficas de Santana (2021) e Rios (2019) convergem, ao contarem experiências destoantes do padrão cisheteronormativo, sobretudo ao evidenciarem que desde a infância seus corpos eram estereotipados como "criança viada", no ambiente familiar e, principalmente, na escola, um espaço socioeducativo que, apesar de abrigar múltiplas identidades/diferenças, dissemina discursos excludentes e estereotipados. Tais histórias nos provocam questionamentos: Quando um licenciando homossexual começa a vivenciar sua sexualidade destoante da norma em espaços socioeducativos (como a escola e universidade), em que contextos essa experiência causa liberdade e/ou estranhamento?

Práticas discursivas e não discursivas tentam moldar sujeitos, sobretudo seus corpos, gêneros e suas sexualidades, embora, na contemporaneidade, discursos (neo)liberais encenem uma suposta liberdade, que camufla o cerceamento de outras subjetividades destoantes das normas sociais. Tem a ver com o que Foucault (2010, p.225) chamou de governamentalidade, ou seja, um "campo estratégico de relações de poder no que elas têm de móvel, transformável, reversível". Portanto, esse governo de si e dos outros aciona modos de subjetivação, que afetam as experiências docentes e, assim, reverberam em suas práticas pedagógicas e socioeducativas.

Em sua tese de doutorado, Pedro Paulo Rios (2019) (auto)narra experiências de professor gay a partir de resistências e estratégias de enfrentamento diante de preconceitos e discriminações manifestados, de forma sutil ou explícita, em espaços socioeducativos, como a universidade e a escola. Posto que, identidades/diferenças não heteronormativas ainda são silenciadas e marginalizadas, sendo necessária uma incessante problematização e subversão das normas a partir de um currículo que valorize a estranheza como preconiza a teoria *queer*. Ou seja, estranhar o familiar provocaria novos olhares e o reconhecimento das diferenças como produzidas socioculturalmente.

Gracia Trujillo (2023) argumenta que embora não seja coerente definir a teoria *queer,* faz-se necessário destacar suas principais características e potencialidades radicais. Nesse sentido, a teoria *queer* consiste em um posicionamento político e uma epistemologia que possibilita interpretar o mundo de forma diferente, pois abrange a estranheza, o desvio da "normalidade" em termos sexuais e de gênero. A teoria *queer* é pós-identitária porque reconhece que identidades/diferenças não são fixas, mas mutáveis. Portanto, a teoria *queer* poderia ser utilizada em espaços socioeducativos para subverter discursos e normas sexuais e de gênero, desestabilizando preconceitos e violências.

Ao relatar as violências homofóbicas (xingamentos, piadas, ofensas, exclusões...) que sofria desde a infância e se intensificaram na adolescência, Rios (2019) problematiza a família e a escola como lugares discursivos que demarcam posições de sujeitos e relações sociais compatíveis com o padrão cisheteronormativo. A homofobia em suas versões sutis e/ou manifestas deixa marcas nas vidas de jovens gays, lésbicas e afins, ancorada em uma suposta linearidade entre sexo-gênero-sexualidade, considerando a heteressexualidade (e cisgeneridade) como norma compulsória (Louro, 1997). Além do ambiente familiar (re)produzir discursos de *"segregação binária de gênero", "[...] demarcava as atribuições sociais e simbólicas inerentes ao sexo masculino e feminino, [...] ao ingressar na escola, conheci a concepção acerca de diferença que marca o corpo daquelx que é tomadx como estranho"* (Rios, 2019, p.16).

As narrativas dos professores gays reiteram a presença de uma ótica sexista, binária e heteronormativa que tenta enquadrar a "criança afeminada" e "criança viada" ao repetir a norma: "*Lembro que na escola e em casa estavam sempre pedindo para me comportar com um homem: 'se comporte como um menino!'*" (Rios, 2019, p.55). Dessa maneira, o pesquisador ressalta que uma "criança viada" pressupõe a produção de performances de gênero destoantes do padrão sociocultural de masculinidade hegemônica, essa criança considerada "estranha" desestabiliza o sistema cisheteronormativo (re)produzido na escola, evidenciando a flexibilidade de corpos, gêneros e sexualidades (Rios, 2019).

Connell (2016) aponta que os meninos/homens são (des)educados para manterem comportamentos que destoam de tudo que remeta ao feminino. O conceito de masculinidade hegemônica reside no fato da sociedade privilegiar a identidade masculina e colocá-la como superior e dominante, (re) produzindo discursos que naturalizam e privilegiam uma única forma de "ser homem". Rosostolato (2019) ressalta que a masculinidade hegemônica constitui a dominação masculina alicerçada em posicionamentos patriarcais que colocam o homem em uma posição "superior" à mulher, concedendo-lhe "privilégios". No entanto, a sustentação desse padrão cisheteronormativo prejudica à saúde física e psicológica dos homens, porém alguns conseguem subverter as normas sociais mesmo com toda essa vigilância e disseminação de discursos que reiteram as oposições binárias entre homens/mulheres, heterossexuais/homossexuais.

Por meio das narrativas (auto)biográficas de seis professores gays (*Obá, Ossayn, Oxóssi, Logun Edé, Oxumaré e Iansã*), de cursos de licenciatura em Matemática, Pedagogia e Biologia, Rios (2019) investiu em um exercício de problematização do estranho e subversão das normas sexuais e de gênero. "*Ou seja: pensar mecanismos pedagógicos onde gays, lésbicas, travestis, transexuais, dentre outrxs formas de expressão e vivência da sexualidade e do gênero, não sejam tomadas como estranhxs, mas vistas como possibilidades válidas de existência.*" (Rios, 2019, p.102).

Nesse contexto, a Educação Sexual em uma abordagem *queer* pressupõe o estranhamento das normas como impulsionador para mudanças sociais nas formas de ensinar, aprender e educar. A partir do questionamento de normatizações e representações estereotipadas sobre sexualidades, corpos, gêneros e outros marcadores identitários que constituem os currículos escolares e acadêmicos, (re)criamos estratégias didático-metodológicas que possibilitem a subversão e desconstrução de preconceitos, discriminações e relações opressivas (Furlani, 2011). Atravessadas por (in)experiências docentes, as pes-

quisas sobre narrativas (auto)biográficas (re)produzem discursos que nos fazem problematizar limites e possibilidades para incorporação das temáticas da Educação Sexual nos currículos de Ciências/Biologia.

CONCLUSÕES DE (IN)EXPERIÊNCIAS

O que nos contaram as "(in)experiências" de docentes de Ciências/Biologia sobre as temáticas da Educação Sexual? A problematização de pesquisas acadêmicas sobre narrativas (auto)biográficas possibilitou evidenciar diferentes modos de subjetivação docente ao veicularem uma diversidade de discursos (biológicos, pedagógicos, religiosos, essencialistas, binários, cisheteronormativos, subversivos, interculturais...) sobre as temáticas sexualidade, corpo e gênero. Estas podem ser compreendidas como uma "trinca de ases" ao serem associadas às pedagogias e aos artefatos culturais (literatura, filmes, séries, músicas, poemas...) para a (des)construção de um currículo intercultural favorável ao reconhecimento de identidades/diferenças destoantes do padrão cisheteronormativo. A exemplo das pesquisas pós-críticas que problematizam discursos sobre corpos gays que ao se tornarem docentes lutam contra o estranhamento e violências homofóbicas sutis e/ou manifestas como marcas de fuga e subversão à disciplinarização de saberes e de sujeitos nos espaços socioeducativos.

Nas narrativas das pesquisas híbridas, nos inquietamos com uma professora-pesquisadora que utiliza imaginação para se aventurar no País das Maravilhas de Alice ao narrar sua história de vida, entretanto ainda deixa escapar discursos essencialistas nas abordagens biológico-higienistas de sexualidade, corpo e gênero. Algumas narrativas questionaram a necessidade de (trans)disciplinarização da Educação Ambiental, assim como problematizamos na Educação Sexual, pois reconhecemos que estes campos ultrapassam os limites das Ciências/Biologia. Ademais, em uma das narrativas, um pesquisador enfatizou a relevância de comunidades multiculturais vulneráveis e sensibilidades nas escolas e demais espaços socioeducativos, corroborando que discursos sobre Educação Sexual são cambiantes e podem ocupar lugares (in)desejados.

A partir da análise desses oito estudos sobre narrativas (auto)biográficas, evidenciamos algumas pistas necessárias para a problematização e desconstrução de discursos sobre Educação Sexual, em detrimento de um "modelo" a ser seguido por currículos escolares e acadêmicos, vislumbramos múltiplas pedagogias e artefatos culturais como possibilidades de ressignificar esse campo transdisciplinar. Justamente, uma das estratégias para ultrapassar a abordagem biológico-higienista seria reconhecer a Educação Sexual como produto e produtora de culturas, verdades e relações de poder-saber, favorecendo abordagens socioculturais de sexualidade, corpo e gênero no ensino de Ciências/Biologia. Nessa ótica, uma Educação Sexual "socialmente relevante" incorporada no currículo de Ciências/Biologia, de modo sistemático e permanente, instigaria a desconstrução de normatizações e essencialismos, principalmente, ao ressaltar o modo como discursos se (re)inventam em nossos saberes e nossas práticas docentes, narrativas e (in)experiências de vidas...

REFERÊNCIAS

Carvalho Filho, Evanilson Gurgel de (2018). **Minha vida daria um filme?***:* Geografias de vida em territórios de corpos, gêneros e sexualidades. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Educação, Programa de Pós Graduação em Educação. Natal, RN.

Carvalho Filho, Evanilson Gurgel de; Maknamara Marlécio & Chaves, Silvia Nogueira. (2022). Maquinações generificadas no currículo das narrativas seriadas. **Rev. Estud. Fem**., Florianópolis, 30(3), e80256.

Connell, R. W. (2016). **Gênero em termos reais**. São Paulo: Versos.

Corazza, Sandra Mara. (2012). O docente da diferença. **Revista Periferia**, (1)1.

Corazza, Sandra Mara. (2021). O sonho da docência: fantástico tear. **Pro-Posições**, Campinas, SP, 32, p. e20200008.

F**élix**; Fernanda Seabra; Galvão, Luzia Cristina de Melo Santos. (set./2017). Concepções e perspectivas dos licenciandos de Biologia da Universidade Federal de Sergipe face às violências no âmbito escolar. **Educon**, Aracaju, 11(01), 1-10.

Foucault, Michel. (1995) O sujeito e o poder. In: Dreyfus, Hubert; Rabinow, Paul (Org.). **Michel Foucault***:* uma trajetória filosófica. Rio de Janeiro: Forense Universitária (pp.231-249).

Foucault, Michel. (2010) É importante pensar?. In: MOTTA, M. B. (Org.). **Repensar a política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária (pp. 354-358).

Foucault, Michel. (2014). **Vigiar e punir***:* nascimento da prisão. (42a. ed.). Petrópolis: Vozes.

Foucault, Michel. (2015) **História da Sexualidade 1***:* a vontade do saber. (2. ed.). São Paulo: Paz e Terra.

Foucault, Michel. (2017). **Ética, Sexualidade e Política.** Organização de Manoel Barros da Motta. (3a. ed.). Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Furlani, Jimena. (2011). **Educação sexual na sala de aula***:* relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças. Belo Horizonte: Autêntica.

Furlani, Jimena. (2021). Educação Sexual e relações de gênero: onde/como a Biologia se coloca nessa discussão? *In*: Souza, Elaine de Jesus; Santos, Claudiene & Silva, Elenita Pinheiro de Queiroz (Orgs.). **Interculturalidade e transdisciplinaridade**: "o que a Biologia tem A ver com isso?". Uberlândia: Navegando Publicações (pp.91-110).

Goellner, Silvana Vilodre. (2013). A produção cultural do corpo. *In*: Louro, Guacira Lopes; Felipe, Jane & Goellner, Silvana Vilodre (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. (9a ed.). Petrópolis: Vozes. (pp. 30-42).

Gracia, Trujillo. (2023). **O feminismo queer é para todo mundo**. Salvador: Devires.

Gurgel, Evanilson; Maknamara, Marlécio. (2020). Que podem corpos, gêneros e sexualidades nas pesquisas com formação de professores? **Educação e Cultura Contemporânea**. 17(47), 372-395.

Larrosa, Jorge. (2011). Tecnologias do Eu e Educação. *In*: Silva, Tomaz Tadeu da (Org.). **O sujeito da Educação**: estudos foucaultianos. (8a ed.) Petrópolis: Vozes. (pp.35-86).

Larrosa, Jorge. (2017). **Pedagogia Profana***:* danças, piruetas e mascaradas. (6a ed.). Belo Horizonte: Editora Autêntica.

Leff, Enrique. (2009). Complexidade, Racionalidade Ambiental e Diálogo de Saberes. **Educação & Realidade**, 34(3).

Lopes, Alice Casimiro. (2008, out.). **Por que somos tão disciplinares?** Educação Temática Digital, Campinas, 9(esp.), 201-212.

Louro, Guacira Lopes. (1997). **Gênero, sexualidade e educação***:* uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes.

Maknamara, Marlécio. (2021, set.dez.). Onde está o/a educador ambiental na formação docente em Biologia e em Geografia? **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**. Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – FURG. 38(3),176-196.

Meyer, Dagmar Elisabeth Estermann (2009). Corpo, Violência e Educação: uma abordagem de gênero. In: Junqueira, Rogério Diniz (Org.). **Diversidade sexual na educação***:* problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO. p. 213-234.

Paraíso, Marlucy. (2015, jan./abr.). Um currículo entre formas e forças. **Educação** (Porto Alegre, impresso), 38(1), 49-58.

Reis, Darianny Araújo dos. (2017, Jul./set.). Currículo Intercultural Crítico na Escola: Formação que produz diferenças. **Revista Teias***,* 18(50): Conversas sobre formação de professores, práticas e currículos,135-150.

Rios, Pedro Paulo Souza. (2019). **Estranho que habita em mim***:* narrativas de vida e formação de professores gays no semiárido baiano. 188 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE.

Rosa, Isabela Santos Correia; Almeida, Rosiléia Oliveira. (2020, set.). Experiências didáticas comprometidas com a diversidade de culturas: Relatos de professores/as de Biologia em formação inicial. **Anais Educon***,* **São Cristóvão/SE, 14**(7), 1-14.

Rosostolato, Breno. (2019). Alextimia e masculinidades. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana***,* 30(2), 55-64.

S**ánchez** Molano, Javier Giovanny. (2016). **Vozes e murmúrios sobre ensino de ciências e educação ambiental nas escolas de Bogotá**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Física. Universidade Estadual de Feira de Santana.

Santana, Lucas Costa de. (2021). ***(*Com)posições docentes em narrativas de formação de um professor de Ciências e Biologia**. 139 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

Santana, Lucas; Maknamara, Marlécio. (2022). O estudar como experiência estética: narrativas de um estudante de origem popular. **Debates em Educação***, [S. l.]*, 14(35), 152–163.

Silva, Joaklebio Alves da; Virgílio, Laryssa; Nascimento, Rayssa Oliveira do & MAKNAMARA, Marlécio. (2024, jan./abr.). Narrativas (auto)biográficas de professores(as) do Nordeste brasileiro: uma revisão sistemática da literatura. **Revista NUPEM***,* Campo Mourão, 16, (37), 1-20.

Silva Junior, Alcidesio Oliveira da; Maknamara, Marlécio. (2023). #ChegaDeMentiras: Novas masculinidades no currículo da publicidade. **Textura - ULBRA***,* 25, 29-50.

Silva, Patrícia Petitinga. (2017). **Estudei a vida e a vida ofereceu-me o ensino:** trajetórias identitárias de uma professora-pesquisadora que ensina Ciências. Tese (Doutorado - Ensino, Filosofia e História das Ciências). Universidade Federal da Bahia, Instituto de Física/Universidade Estadual de Feira de Santana. Salvador/Feira de Santana.

Souza; Elaine de Jesus; Santos, Claudiene. (2021). Modos de subjetivação docente: a partir de uma Educação Sexual "além do biológico". In: Souza, Elaine de Jesus; Santos, Claudiene; Silva, Elenita Pinheiro de Queiroz (Orgs.). **Interculturalidade e transdisciplinaridade**: "o que a Biologia tem A ver com isso?". Uberlândia: Navegando Publicações. (pp.73-90).

Souza, Elaine; Maknamara, Marlécio (2024). **Biologias para Questionar***:* saberes e ensinar vidas. João Pessoa: Ideia.

Vilela, Bárbara Tatiane da Silva. (2014). **Tecendo reflexões sobre a Ambientalização Curricular na formação de professores de Ciências/Biologia**. Dissertação (Mestrado) –Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife.